Pspsps.

GLOSSÁRIO

DEOFOL
Do inglês antigo *dēofol*, «diabo». Espíritos familiares utilizados para comunicação, companhia e aconselhamento. Os deofoles não são escolhidos; manifestam-se na infância sob a forma juvenil do animal em questão e crescem com a criança. Consoante o nível de controlo da seith do invocador, a sua forma física pode ser nebulosa ou detalhada.

VARÍOLA DE PLATT
Assim designada em honra de Epilotte Platt, Haelan que descreveu pela primeira vez a doença durante um surto, um século antes do início desta história. A varíola de Platt é uma doença altamente contagiosa, caracterizada pela formação de grandes chagas supurantes. Afeta sobretudo crianças entre um e doze anos. A encefalopatia é uma complicação grave — e infelizmente comum — que requer a intervenção de um Haelan para ser revertida.

SEITH
Do nórdico antigo *seiðr*, «magia», embora Aurienne Fairhrim afirmasse que qualquer magia, quando estudada com profundidade suficiente, é ciência. Todos podem utilizar a seith para ações básicas, como invocar o seu deofol, usar uma viedra ou ativar condensadores de seith. O estudo avançado da seith exige iniciação numa Ordem, e alcançar a mestria requer um tācn.

TĀCN
Do inglês antigo *tācn*, «sinal», «símbolo», «evidência». Marca gravada na palma da mão dos membros plenos de uma determinada Ordem. O mecanismo da marca ativa o sistema seith e permite um fluxo e uma manipulação da seith exponencialmente superiores.

OS TĪENDOMS

Do inglês antigo *tīen*, «dez», e *dōm*, «jurisdição». Nome coletivo dos dez pequenos reinos que disputam o controlo de um arquipélago no oceano Atlântico Norte. A porosidade das suas fronteiras depende do clima político entre dois reinos específicos; quando a guerra se aproxima, o que acontece com frequência, as viedras e as fronteiras são encerradas.

VIEDRAS

Do latim *via*, «caminho», «viagem», e do grego antigo πέτρα (*petra*), «rocha». As viedras são menires altos com inscrições rúnicas, dispostos ao longo de uma rede de linhas ley chamada «retícula de viedras». São o meio de transporte mais comum dos Tīendoms. Encontram-se geralmente perto de tabernas, que se encarregam da sua manutenção. Os membros da Ordem Leyfarer controlam e gerem a retícula de viedras.



Avisos de Conteúdo

O Impulso Irresistível de Me Apaixonar pelo meu Inimigo é uma romantasia ao estilo de inimigos a amantes que acompanha um assassino e uma curandeira. Contém elementos que podem não ser adequados para todos os leitores, incluindo violência gráfica, tortura explícita, mortes em cena de personagens secundárias, linguagem imprópria, conteúdo sexual breve, conteúdo médico incluindo doenças fictícias que afetam adultos e crianças, e descrições de crianças doentes num ambiente semelhante a um hospital. Por favor, lê com cautela.

Para mais informações sobre as Ordens e um guia de pronúncia, consulta as páginas 371 e 377, respetivamente. Por fim, este romance decorre numa versão alternativa do Reino Unido. O inglês britânico é utilizado ao longo de toda a obra.


O Woolf
O farol no cu do mundo
N
O
E
S
Ordem Leyfarer
Fortriu
Borbulhas no rabo
A Princesa e o Louco
Strathclyde
Northumbria
A sede de Fairhrim, apinhada de Wardens porque claramente não me vai facilitar a vida
Ordem Fyren
Irlanda
O Chupacabra Vermelho
Ordem Haelan
Pedra do Cisne-no-Mar
A Ostra Húmida
O Publica ou Perece
Pontos de cobrança dos Fyren
Londres:
O Olho do Rum
Os Ovos Caninos
O Desnorte
Grandes anormais
Banhos de esperma
Ordem Ingenaut
O Unicórnio Lascivo
O Gogmagog
O Danelaw
Mercia
Ordem Dreor
Rosefell Hall
A casa senhorial dos Mordaunt
Dyfed
Wessex
A Pulga Saltitona
Ordem Agannor
Kent
Habitado por uns idiotas monumentais
Ordem Warden
O Bagaceiro
Dumnonia
Ordem das Hédrias

Os Tiendoms



1

Canalha Irresistível Conhece Cabra Obstinada

Osric

Foi apenas com Aurienne Fairhrim que Osric aprendeu que o contacto visual podia cortar como uma lâmina. Lá estava ela, ereta e austera, nos limites de um daguerreótipo, fitando-o com olhos negros e brilhantes.

— Ela? — perguntou Osric.

— Sim, senhor — disse o Dr. Fordyce.

— Tem de ser ela?

— Realmente, não tem escolha, senhor.

Osric deixou cair o daguerreótipo. Este aterrou sobre a secretária, de cuja posição o olhar penetrante da mulher encontrou uma nova vítima e foi trespassar o teto. Também a ornamentar, de forma nada agradável, a secretária de Osric estavam o *curriculum vitae* de Aurienne Fairhrim e uma lista de publicações que roçava o infinito.

— É uma das Haelan — disse Osric. — A Ordem dela não trabalhará com a minha. Ela recusará por princípio.

— Pode recusar, senhor — disse o Dr. Fordyce. — O que nos perguntou foi quem o *poderia* curar, não quem o faria.

— Não seja insolente.

— Não pretendia faltar-lhe ao respeito, senhor — disse Fordyce. — Os membros da Ordem Haelan são curandeiros incomparáveis, e a própria Aurienne Fairhrim é, entre eles, insuperável. É um fenómeno no que respeita ao sistema seith. Se ela recusar…

— Claro que vai recusar; é uma Haelan.

— … então o Dr. Shuttleworth e eu faremos tudo o que pudermos para abrandar a degeneração.

— Quanto tempo me resta? — perguntou Osric.

Fordyce lançou um olhar ao colega. Osric esperou que este dissesse algo útil, mas o Dr. Shuttleworth limitou-se a parecer horrorizado, teve um espasmo de pânico e engasgou-se com a própria saliva.

Fordyce encontrou coragem na hesitação do colega.

— É difícil prever com qualquer espécie de exatidão.

— Responda-me — exigiu Osric.

— Na nossa previsão mais otimista, teria mais três ou quatro meses antes de as suas capacidades começarem a diminuir de forma significativa, senhor — disse Fordyce.

— Diminuir de forma significativa — repetiu Osric.

— Sim, senhor — confirmou Fordyce.

— Vou perder o meu seith.

— Esse é, receio, um dos desfechos prováveis, senhor.

— Não posso perder o meu seith — disse Osric. — Sabe o que sou.

Sim, os médicos sabiam, e era precisamente por isso que estavam prestes a mijar-se pelas pernas abaixo. Ainda assim, ambos o confirmaram com sacudidelas de cabeça vigorosas, sem desviarem o olhar das botas de Osric.

— O senhor é um membro da Ordem Fyren, senhor — disse Shuttleworth. — T-talvez pudesse considerar uma reforma antecipada…

Era uma sugestão brutalmente estúpida, à qual Osric respondeu:

— Sabe quando é que os Fyren se reformam?

— Hã… não, senhor.

— Quando morrem.

— Ah.

— Portanto, temos um problema, não acha?

— Sim, senhor.

— Devo dizer que, tendo em conta o que vos estou a pagar, esta conclusão deixa-me profundamente dececionado — disse Osric.

— A sua doença é… enfim, uma verdadeira desgraça… para a qual não existe tratamento *per se* — disse Fordyce. — É uma condição degenerativa sem cura conhecida.

— Os Haelan são os melhores curandeiros que existem — acrescentou Shuttleworth, que aparentemente só recuperara do seu acesso de tosse para iluminar Osric com aquela pérola de sabedoria ofuscante.

— A Aurienne Fairhrim é a sua melhor opção, senhor — insistiu Fordyce. — Se há alguém que o pode ajudar, é ela.

— Se vocês os dois me estão a dizer a verdade, é a minha única opção.

— Hum… sim.

Depois de concluir que os médicos não tinham mais nada de útil a acrescentar, Osric pediu-lhes que se retirassem.

— Conto com a vossa discrição relativamente ao meu estado. — Os médicos balbuciaram vários «sins». — A minha governanta acompanhá-los-á à saída — disse Osric. — Esperem lá fora um momento.

Fordyce e Shuttleworth fizeram as suas reverências antes de saírem do gabinete de Osric. Colocaram os chapéus sobre as respetivas cabeças ocas e fugiram para o vestíbulo.

Osric chamou pela governanta.

— Sra. Parson?

A Sra. Parson espreitou pelo vão da porta, precedida pelo seu coque branco.

— Sim, senhor?

— Certifique-se de que nenhum daqueles médicos se lembrará desta visita.

— Com certeza.

Osric mostrou à Sra. Parson o daguerreótipo de Aurienne Fairhrim.

— Ao que parece, será esta a minha salvadora. Que lhe parece?

A Sra. Parson apalpou o peito todo até encontrar os óculos. Pô-los sobre o nariz e examinou a imagem.

— É muito bonita.

— É um meio para alcançar um fim — replicou Osric.

A Sra. Parson tocou com a ponta do dedo no vestido branco de gola alta de Fairhrim.

— É uma Haelan?

— Sim. Uma beata até à medula, não tenho dúvidas. Chama-se Aurienne Fairhrim.

A Sra. Parson olhou para Osric por cima dos óculos.

— Se é uma Haelan, não o ajudará.

— Obviamente — disse Osric. — Contudo, ao que parece, é um verdadeiro Prodígio. E preciso de um Prodígio, Parson. Como posso convencê-la a ajudar-me? — Virou-se para um espelho, onde se refletiam os melhores ossos do rosto de todos os Tīendoms, e acrescentou: — Seduzo-a?

— Não sei se o conseguiria — disse Parson.

— O seu ceticismo ofende-me, *madame*.

A Sra. Parson, que era irritantemente sensível, disse:

— É uma Haelan. Atirar-se-ia ao Tamisa antes de o ajudar. Talvez pudéssemos delinear um plano B. E um plano C.

— B de *Brutal* e C de *Chantagem*?

— Muito engraçado, senhor — disse a Sra. Parson, embora a sua expressão não denunciasse um pingo de humor.

— Muito bem — disse Osric. — Trace esse plano. Investigue a Aurienne Fairhrim. Arranje-me alguma vantagem. Subornos, extorsões, ameaças de morte ou decepamentos… Sabe como é. O habitual.

— De acordo, senhor — respondeu a Sra. Parson.

— Então é isso. Quando terminar com os nossos convidados, poderia trazer-me as adagas para o combate desta noite? O par de Moulineaux, por favor.

— Claro, senhor.

A Sra. Parson saiu. Osric abriu e fechou as mãos. O entorpecimento estava a piorar; começara na nuca e agora descia pelo seu sistema seith, percorrendo-lhe os ombros e provocando-lhe um formigueiro nos dedos. Não lhe dera importância até começar a notar alterações no fluxo do seith, momento em que chamara os médicos. O diagnóstico caíra sobre ele como uma pedra tumular: degeneração do sistema seith. Em bom português, o seu seith estava a apodrecer.

Talvez fosse mais prudente inventar uma desculpa para não participar no combate daquela noite com os seus camaradas Fyren. Porém, ele nunca faltava a um combate. Isso levantaria suspeitas, e Osric não se podia dar ao luxo de levantar suspeita alguma naquele estado tão delicado.

A Sra. Parson regressou com as adagas. Osric prendeu-as ao cinto, esboçou um sorriso canalha e dirigiu-se para a viedra.

Achou que comparecer não lhe faria mal. Tendo em conta a extensão do entorpecimento, era impossível que se magoasse.



A Sra. Parson demorou vários dias a apresentar a Osric os resultados da sua investigação sobre Aurienne Fairhrim. Osric considerava-se um perito na recolha de informações, mas a Sra. Parson, que dispunha de toda uma rede de criadas e donzelas, era também uma verdadeira especialista.

Bateu à porta do gabinete de Osric com um ar conspirativo. Ele convidou-a a entrar com um gesto.

— Eis o que sabemos sobre Aurienne Fairhrim. — A Sra. Parson tirou do avental um molho de papéis. — A prima em terceiro grau da filha da minha tia-avó trabalha nas cozinhas dos Haelan.

Osric não tentou decifrar o galimatias genealógico da Sra. Parson e espalhou os papéis sobre a secretária.

— E então? O que descobrimos? A Fairhrim tem familiares de algum tipo que possamos usar? Dívidas que possamos assumir? Optamos pelo rapto? A situação está a tornar-se desesperada.

— Tem alguns familiares — disse a Sra. Parson. — O pai é do Danelaw, a mãe de Tamazgha. Ambos vivem em Londres. Não tem dívidas; na verdade, é bastante abastada. E, claro, o rapto é sempre uma opção.

— Um clássico — disse Osric.

— Permite-me que lhe dê a minha opinião? — perguntou a Sra. Parson.

— Força.

— Tendo em conta a natureza da tarefa, talvez seja preferível mantê-la cooperativa — aconselhou a Sra. Parson. — Descobri que a Ordem Haelan precisa de financiamento. Estão à procura de uma quantia substancial para um projeto de investigação. Já ouviu falar do surto de varíola de Platt?

— Vagamente — respondeu Osric. — Não acompanho as notícias sobre os fedelhos de rua nem sobre as doenças que apanham.

— Pois esta epidemia pode ser a sua oportunidade de obrigar uma Haelan a curá-lo — disse a Sra. Parson.

— Nesse caso, viva os fedelhos pestilentos — retorquiu Osric. — Qual é a quantia requisitada?

— Vinte milhões de thrymsas.

— Macacos me mordam!

— Como lhe disse, senhor, uma quantia substancial. Os Haelan estão a negociar para obter o capital junto dos conselhos de financiamento e dos reis e rainhas dos Tīendoms, ainda com pouco sucesso. Parece que toda a gente partilha a indiferença que o senhor sente pelos fedelhos, coitadinhos. Mas se o senhor lhes oferecesse a quantia de que precisam, talvez pudesse persuadir a Haelan Fairhrim a pôr de lado o seu antagonismo natural em relação aos membros da sua Ordem, senhor.

— Portanto, escolhemos o suborno — disse Osric. — Boa ideia.

A Sra. Parson não parecia muito convencida.

— Tem vinte milhões nos seus cofres?

— Eu nunca disse que íamos mesmo pagar-lhes.

— Ah.

— Prossiga com a oferta e mantenha-me informado dos progressos.

Em vez de sair apressada para cumprir a tarefa, a Sra. Parson ficou parada em frente à secretária de Osric.

— Posso dar-lhe outro conselho, senhor?

— Qual?

— A Aurienne Fairhrim está muito bem protegida. — A Sra. Parson remexeu nos documentos até encontrar várias plantas. — Vive na fortaleza dos Haelan, em Pedra do Cisne. Tem lá os seus aposentos. Para complicar ainda mais, a Pedra do Cisne é guardada pelos Wardens.

— Wardens? *Odeio* os Wardens. São uns idiotas, do primeiro ao último. Que fazem os Wardens em Pedra do Cisne?

— Ouvi dizer que as Ordens Haelan e Warden têm uma espécie de acordo — revelou a Sra. Parson. — Trocam cura por proteção, e vice-versa.

— Quantos Wardens há em Pedra do Cisne? — perguntou Osric.

— Três ou quatro em permanência.

— Que péssimo inconveniente. — Osric observou o mapa dos terrenos de Pedra do Cisne. — Compreendo agora que aproximar-me da Fairhrim com este suborno talvez requeira alguém com capacidades especiais.

— Não nos fazia mal ter algum tipo de estratagema — concordou a Sra. Parson.

— Acontece que os estratagemas são uma das minhas especialidades.

— Exato.

— Muito bem — disse Osric. — Onde está a minha capa? Tenho um suborno de que tratar. E se a Fairhrim recusar, avançarei para o rapto.

— Um clássico, senhor.

— Qual é a viedra mais próxima da fortaleza Haelan?

— A taberna mais próxima é o Publica ou Perece.

— Excelente.

Envergando uma capa e umas luvas, e com o cabelo atrativamente despenteado, Osric dirigiu-se à viedra.

Em Pedra do Cisne, era hora do estratagema.

A Ordem Haelan tinha o seu quartel-general no cu de Judas do gélido Danelaw. A fortaleza branca de Pedra do Cisne, com as suas ameias coroadas de neve, parecia desafiar Osric com um olhar carrancudo à medida que este se aproximava. A Sra. Parson tinha razão: Aurienne Fairhrim estava bem protegida. Ela e a sua Ordem estavam literalmente instaladas em torres de marfim.

Osric esperou que o crepúsculo começasse a alongar as sombras antes de se aproximar. A fortaleza em si não o preocupava tanto como os Wardens. Uma coisa era infiltrar-se, outra muito diferente era fazê-lo diante dos Wardens. A sua Ordem era especializada na defesa e no

desmembramento violento de intrusos. Eram um adversário excecional para um Fyren travesso que fosse subornar uma Haelan.

Ainda assim, Osric também era excecional.

Avançou pelo caminho das sombras em direção às muralhas e depois escondeu-se entre as asas de um enorme cisne de pedra para observar. Avistou as figuras corpulentas dos Wardens — dois em baixo e outros dois nas muralhas, perto dele —, com as suas armaduras reluzentes. Havia também uma dúzia de sentinelas de Pedra do Cisne em patrulha. Uma das Wardens nas muralhas tinha ativado o escudo de luz, que brilhava entre as fendas da sua armadura. Nem mesmo um caminhante das sombras como Osric seria capaz de se aproximar o suficiente para a esfaquear.

Mas hoje (coisa rara), Osric não tencionava esfaquear ninguém. Viera em missão de paz.

Alguns Haelan vestidos de branco atravessaram o pátio. Aos olhos de Osric, todo o local era asséptico ao extremo; seco, funcional, puro. Até a neve, que o vento arrastava em linhas finas, parecia deliberadamente disposta e desinfetada.

Sob o manto nevado, os paralelepípedos da fortaleza resplandeciam com barreiras de proteção. As linhas espessas e luminosas que os Wardens tinham traçado com a sua seith cruzavam as lajes enquanto patrulhavam.

Osric observou os Wardens nas suas rondas durante uma hora inteira antes de se aventurar. Depois, com extremo cuidado para não pisar as linhas mutáveis, desvaneceu-se na escuridão junto à base da muralha e deslizou de sombra em sombra até se introduzir no interior da fortaleza.

Demorou duas horas, mas não ativou nenhuma barreira nem matou ninguém.

Grande feito.

Os planos que a Sra. Parson havia surripiado indicavam a Osric que o gabinete de Fairhrim ficava na majestosa torre norte. Ao atravessar a fortaleza à sua procura, passou por uma sala cheia de bebés chorosos e irritadiços, e também por um grande salão cujo único propósito parecia ser o armazenamento de cadáveres de crianças.

Não os podiam enterrar? Que morbidez a dos Haelan.

Mas não. Ouviram-se gemidos: as crianças não estavam totalmente mortas. Um grupo de Haelan passou por Osric e entrou na sala. Nenhuma era a jovem séria do daguerreótipo. Ele continuou pelo corredor, de sombra em sombra, esquivando-se a uma ou outra sentinela, aliviado por serem simples homens e não mais Wardens.

Por fim, uma placa informou Osric de que tinha chegado ao Centro de Investigação da Seith. Um lugar promissor, tendo em conta a condição de que sofria. Havia um pavilhão para doentes, bem como inúmeras salas de consulta cheias de aparelhos de aspeto inquietante. Enquanto a maior parte de Pedra do Cisne parecia continuar a depender do gás, estas salas estavam equipadas com eletricidade e diversos engenhos movidos a seith.

Havia menos pacientes com aspeto cadavérico nesta ala, o que também era um alívio.

A sala de espera dava acesso à ala de consultas. Ao longo da parede havia um mural de balões intitulado *Sabias que…?* Cada um continha uma curiosidade destinada a entreter os pacientes da sala. Osric leu-os à medida que passava:

No início da nossa história, *seith* era um termo genérico para todos os poderes, desde a magia defensiva até à combativa.

Toda a gente tem um sistema seith. É composto por estruturas especializadas (canais e nódulos seith) que se estendem ao longo do sistema nervoso.

A seith tem muitas utilizações. No dia a dia, provavelmente usa-la para enviar deofoles ou utilizar as viedras. O estudo especializado permite-nos manipular a seith para aplicações mais complexas, como a cura.

Quem desejar alcançar estes níveis de manipulação deve obter um tācn. Um tācn é uma marca gravada na palma da mão que abre o sistema seith ao mundo. Os tācn são concedidos aos membros de uma Ordem após muitos anos de estudo.

O abuso da seith acarreta um Custo. Ainda se está a estudar de que forma esse Custo é determinado. As investigações atuais sugerem que se trata de uma amplificação de certas predisposições fisiológicas ou genéticas.

Do outro lado da porta do gabinete de Fairhrim havia uma secretária onde estava sentado um homenzinho com ar de coruja, que tamborilava os dedos numa bola de escrever de latão. Estava mesmo no meio do caminho, mas Osric decidiu não o matar. Afinal, queria causar uma boa primeira impressão a Fairhrim, por isso limitou-se a deixá-lo inconsciente e a enfiá-lo debaixo da secretária.

O gabinete de Fairhrim estava trancado. Osric tirou a luva e pressionou a fechadura com a palma da mão esquerda. O seu tācn emitiu um brilho vermelho quando a seith fluiu através do mecanismo, lendo as sombras do interior enquanto o forçava. Canja, obviamente. Após alguns estalidos suaves, a porta abriu-se.

Aurienne Fairhrim não estava lá dentro, por isso Osric instalou-se confortavelmente.

O mobiliário de Fairhrim era tão austero como o resto de Pedra do Cisne, uma mistura desagradável de funcionalidade e escassez. Osric sentou-se numa cadeira que o obrigou a adotar uma postura direita, em vez da sua habitual atitude descontraída; e, de repente, sentiu-se como o *nerd* da turma ansiosamente à espera da chegada da professora.

À sua direita havia uma estante repleta de livros com títulos tão convidativos como *Um Golpe Magistral: Reabilitação de Lesões por Compressão do Canal Seith*, *Roturas e Avulsões de Fibras Seith: Protocolos para Tratamento*

Clínico, *Interrupção Reversível do Fluxo Seith: Um Estudo In Vitro* e *Lesões por Transecção dos Canais Seith*.

Uma biblioteca promissora, tendo em conta o motivo que o levara ali. Ficou satisfeito por saber que Fairhrim era uma académica.

Depois, com um murmúrio, Osric percebeu que todos aqueles livros tinham sido escritos pela própria Fairhrim.

À sua esquerda, uma série de janelas estreitas subia acompanhando a curvatura da torre. Haelan poderia ter tido vista para o mar, mas as janelas estavam tão cobertas de gelo que apenas deixavam passar a luz, e não propriamente a paisagem.

As paredes estavam forradas de imagens de indivíduos a quem tinham sido arrancadas várias camadas de pele e músculo. Osric tinha esfolado algumas pessoas ao longo da sua carreira (os clientes tinham de pagar uma taxa adicional pelo serviço; era um trabalho aborrecido), mas Fairhrim parecia ter a sua própria experiência no assunto.

A esta decoração encantadora juntava-se um esqueleto que sorria para Osric de um canto. Estava cheio de fios finos de cobre que representavam, aparentemente, o sistema seith, enrolando-se sobre os ossos poeirentos. Sobre o crânio havia um par de óculos de sol cor-de-rosa, com armação em forma de coração.

No corredor ecoaram passos. Osric puxou o capuz para que o rosto ficasse mergulhado na sombra (se fosse obrigado a sentar-se como um *nerd*, ao menos tentaria ter um ar sinistro) e acomodou-se na cadeira à espera.

Não teve de esperar muito. A porta abriu-se e uma mulher entrou no gabinete — embora fosse mais correto dizer que o que irrompeu pela sala foi um tornado enfurecido, se os tornados enfurecidos soubessem abrir portas.

Era Aurienne Fairhrim. O daguerreótipo tinha captado bem os seus traços — a pele castanho-clara, os olhos negros, a cabeleira escura apanhada num coque —, mas não a sua estatura nem a arrogância da sua expressão.

Irradiava uma fúria contida. Sobre os ombros trazia umas reluzentes dragonas em forma de asas que confirmavam o seu estatuto de Haelan de pleno direito. Vestia o traje branco da Ordem: um vestido de saia

pesada, abotoado até ao pescoço com uma dupla fileira de botões. Fazia malabarismos com um turbilhão de objetos que trazia nos braços: uma pasta, uma pilha de documentos, vários pacotes de lancetas e, o mais desconcertante de tudo, um enorme saco de cebolas.

Então viu Osric. Em vez de se mostrar surpreendida com a intrusão, ficou ainda mais irritada. No entanto, não começou a disparar perguntas atropeladas sobre quem era Osric, como tinha entrado ou o que queria. Em vez disso, Fairhrim disse:

— Demasiado cedo, não lhe parece?

Aproximou-se de Osric e deixou-lhe cair o saco de cebolas no regaço.

— Hum — disse ele.

Fairhrim sacudiu das mãos os restos de casca de cebola, que caíram sobre as botas recém-engraxadas de Osric. Agarrou-lhe a mão enluvada com a sua mão nua e apertou-lha com vigor.

— Sou a Haelan Fairhrim — saudou. — Mas pode tratar-me por Aurienne. Muito prazer. Bem-vindo ao nosso recinto sagrado, blá-blá-blá. Espero não lhe dar muito trabalho, mas, enfim… é inevitável que haja uma ou outra perda ocasional. Sei que estão atolados com os casos de varíola. Farei o possível por manter as contribuições da minha unidade no mínimo. E, sim… disse à minha família que vocês já quase não usam cebolas, mas eles insistiram. Não tinham outra forma de pagamento. Espero que lhes consiga dar alguma utilidade. Caso contrário, suponho que ainda haja a sopa.

Disse tudo aquilo com uma voz cortante e precisa. Ao terminar, Fairhrim deu a conversa por encerrada e apontou para a porta.

— Não o retenho mais. Encantada em conhecê-lo. *Wes hāl*… que corra tudo bem.

Sentou-se à secretária, arregaçou a bainha da saia e, murmurando algo sobre a «maldita burocracia», começou a folhear a papelada.

Osric estava profundamente aborrecido: as cebolas tinham arruinado por completo a sua aura ameaçadora.

— Não vim por causa das cebolas — disse ele.

Fairhrim levantou os olhos, visivelmente surpreendida por ele ainda ali estar.

— Ah, não?

— Não.

— Não é o novo coveiro? — perguntou Fairhrim.

— Na verdade, sou… — começou Osric.

Nesse momento, Fairhrim foi — não havia outra palavra para o descrever — atacada por uma folha de papel.

Ela esfaqueou-a com uma caneta para a obrigar a ficar quieta.

— Peço desculpa. Temos uma Ingenaut estagiária em Pedra do Cisne, um membro brilhante de uma Ordem brilhante, claro, mas algumas das suas invenções funcionam demasiado bem. Deu emoções próprias aos documentos, e agora tornam-se agressivos sempre que se acumulam um pouco. Estava a dizer…?

— Que não sou o novo coveiro.

Mas Fairhrim escutava-o de forma distraída; estava a lutar com a folha de papel, que agora se contorcia.

— Ah. Tem a certeza? Parece coveiro. Ou diz-se embalsamador? Ou agente funerário? Diga-me que termo prefere.

— Vim para ser curado — disse ele.

— Para ser curado?

— Sim. Por ti, especificamente.

A Osric pareceu-lhe que aquele era o melhor momento para soltar a intriga. Afastou ligeiramente o capuz para mostrar o rosto e inclinou a cabeça para que a luz lhe incidisse sobre a maçã do rosto. A covinha do queixo *covinhou* majestosamente.

Quem não gostaria de curar um espécime daqueles?

Fairhrim, ao que parecia. Sem se impressionar com a exibição, fez-lhe um gesto displicente com a mão e disse:

— Se és aluno de um dos meus seminários, volta à receção. Eles tratam disso.

Receção? Como assim, *receção*?

Obviamente, Osric tinha sido demasiado subtil.

No meio da sua luta com o papel, Fairhrim fez uma pausa.

— Um momento… Como é que entraste aqui? Pensei que te tinham deixado passar por seres o coveiro.

— Deixei-me a mim próprio passar — disse Osric.

— Não me digas. — Fairhrim não se mostrou impressionada com o feito. — Pois não esperes que te cure depois de entrares aqui como se nada fosse. Em Pedra do Cisne somos muito seletivos quanto aos pacientes que aceitamos. Isto não é um hospital: é um instituto de investigação. Tens de passar pelo devido protocolo.

— Não passarei por protocolo nenhum — disse Osric —, porque ninguém pode saber disto. Tem de ser o nosso segredinho.

Ofereceu-lhe então um sorriso (perverso) e uma piscadela de olho (provocatória).

Pela primeira vez desde que entrara no gabinete, Fairhrim olhou verdadeiramente para Osric, sem se distrair com cebolas nem folhas de papel violentas. Mas não foi o sorriso nem a piscadela que lhe chamaram a atenção. Observou com atenção a capa, cuidadosamente desprovida de qualquer emblema ou símbolo. Depois, fixou-se no pesado anel de sinete que ele usava na mão direita e, por fim, deteve-se nas luvas pretas.

Foi aí que começou a desconfiar. Foi aí que percebeu que algo não batia certo.

— Posso contar contigo? — perguntou ele, erguendo uma sobrancelha (marota).

A expressão de Fairhrim tornou-se inóspita. Osric decidiu não continuar a maltratar as sobrancelhas; os jogos de sedução tinham acabado. Ficou claro que os homens sombrios e perigosos não eram o seu tipo. Reconhecia uma causa perdida quando a via, e Aurienne Fairhrim era, definitivamente, uma causa perdida.

— Está bem — disse, dando palmadas nos joelhos. — Passamos ao plano B.

— Plano B? — perguntou Fairhrim.

— Ouvi dizer que a tua Ordem precisa de financiamento — continuou Osric. — Talvez tenha uma doação para vos oferecer.

— Ah, sim? Então fala com o Lambert, dois andares abaixo. Ele é o responsável pelo departamento de Doações e Financiamento.

— Estou particularmente interessado em apoiar o trabalho da vossa Ordem, concretamente no que diz respeito à varíola de Platt.

Fairhrim voltou a olhar para as luvas de Osric.

— Agradeço o interesse, claro, mas, como já te disse, tens de te dirigir ao departamento de Doações e Financiamento. De qualquer modo, as doenças pediátricas não são a minha especialidade. — Desviou o olhar para a porta. — A propósito, *como* é que entraste? Onde está o Quincey?

— Quem?

— O meu assistente.

— Assistente? Eu diria antes um estorvo onde tropeçar — replicou Osric. — Está a dormir a sesta.

Fairhrim deslizou a mão para a esquerda da secretária, o que fez Osric perceber que havia ali um mecanismo de alarme.

— Não carregues no botão de pânico, Haelan Fairhrim — disse. — Preferia não complicar as coisas.

Ela ficou imóvel.

— Isso soa-me a ameaça.

— É uma ameaça.

— Quem és tu e o que queres?

— Podíamos ter chegado a este ponto da conversa muito mais cedo se te tivesses esquecido das cebolas — disse Osric. E também se ele tivesse abandonado as suas tentativas de sedução, mas assumir responsabilidades não era o seu estilo. — Como te disse, quero que me cures.

— O que vais arranjar é um cóccix partido quando os Wardens te expulsarem ao pontapé — disse Fairhrim.

Agora que tinha confirmado que ali se passava algo estranho, Fairhrim não parecia assustada, mas sim irritada. Teriam todos os Haelan um instinto de sobrevivência assim tão fraco, ou era só ela?

— Achas que me dedico a curar todos os falsos coveiros que aparecem no meu gabinete? — perguntou Fairhrim.

— A este sim — respondeu Osric. — Porque eu vou ajudar-te a encontrar a cura da tua querida varíola.

A folha agressiva em cima da secretária de Fairhrim voltou à vida, e ela esmagou-a com uma palmada.

— Não pretendemos encontrar uma cura. O que queremos é uma vacina.

— Seja como for. Tanto me faz. Quero pagar-te os serviços e a discrição com uma doação. Sei que as negociações da tua Ordem com as agências de financiamento não deram frutos.

Fairhrim apertou os lábios.

— Ainda não deram frutos. Mas acabámos de começar os pedidos a vários organismos. Estas coisas levam tempo.

Osric ignorou os tecnicismos.

— E não preferias ter o dinheiro agora? E começar já? Curar os fedelhos de rua?

— Vacinar, não curar — corrigiu Fairhrim. — E eu não trabalho para particulares. Em Londres há centenas de médicos desse tipo; porque não levas o teu dinheiro e vais ter com qualquer um deles?

— Disseram-me que preciso dos teus conhecimentos.

— Quem te disse isso?

— Esses outros médicos.

— Quais?

— O Fordyce e o Shuttleworth.

Fairhrim fez uma careta carregada de presunção.

— Então é isso o melhor que o dinheiro pode comprar?

— Tinham ótimas referências.

— O que é que te diagnosticaram? — perguntou Fairhrim. Passou os olhos por Osric de alto a baixo, como se pudesse adivinhar a doença só com o olhar.

— Isso é o que tens de descobrir — disse Osric. — Queres o dinheiro ou não? É uma proposta muito simples: tu curas-me e não contas a ninguém, e eu ofereço-te vinte milhões.

Fairhrim fixou o olhar nas luvas de Osric.

— Mostra-me as palmas das tuas mãos.

— Não — negou Osric, certo de que não lhe agradaria nada ver o tācn dos Fyren na palma da sua mão esquerda.

— Então essa é a minha resposta.

Osric suspirou.

— Preferia não ter de te raptar. Seria um incómodo.

— Ah, sim? — Fairhrim sentou-se ainda mais direita, se é que isso era possível. — Vais raptar-me?

— Vou. *E* além disso não te vou dar o dinheiro.

Fairhrim moveu ligeiramente a mão direita. Na palma brilhava o tãcn da Ordem Haelan, um cisne branco.

— És bastante ousado, se achas que me podes raptar.

— E tu bastante estúpida, se achas que não posso.

— Quem *és* tu?

— Alguém que precisa desesperadamente da tua ajuda.

Fairhrim fez uma careta de ceticismo.

— Isso seria muito comovente se não tivesses acabado de me ameaçar com um rapto. Mostra-me as tuas palmas das mãos.

— Não.

— Queres que te cure, mas não queres mostrar-me as mãos?

— Exato.

— Se as escondes, é porque sabes que me vou recusar a curar-te.

— Precisamente — respondeu Osric.

Fairhrim voltou a aproximar a mão do botão do pânico.

— Não — disse Osric. — Ou condenarás quem vier a uma morte bastante violenta.

— Achas que consegues enfrentar os Wardens? — perguntou Fairhrim.

Osric não achava (pelo menos em igualdade de circunstâncias), mas disse:

— Queres mesmo apostar a vida deles?

— Sai daqui — disse Fairhrim.

— Só saio quando chegarmos a um acordo… ou contigo enfiada no saco das cebolas. Tu decides.

— Nem sequer sei o que tens — disse Fairhrim. — Mesmo que aceitasse, o que não vou fazer, não sei se conseguiria curar-te.

— Peço-te que tentes.

— Posso fazer-te alguns exames? — perguntou Fairhrim.

— Não. Primeiro o acordo.

— Deve ser grave.

— É.

— Fatal?

— Para todos os efeitos.

— E se não conseguir curar-te? — perguntou Fairhrim.

— Morrerei. E talvez te leve comigo — disse Osric.

— Maravilhoso.

— Estou a convencer-te?

— Convencer exigiria um mínimo de algo semelhante a carisma.

— Não te pareço carismático? — questionou Osric, ofendido.

— Não — disse Fairhrim. — Segues um dos Caminhos Sombrios. Não te vou ajudar. E cheiras a cebola.

— As cebolas são culpa *tua*. Não o faças por mim, fá-lo pela varíola. Pensa em todo o sofrimento que poderias aliviar.

— Prevenir.

— Seja o que for.

Fairhrim observou-o. A Osric não restou senão admirar-lhe a compostura. Não havia vestígios de lágrimas nem de tremores. A única emoção genuína foi o desdém quando desviou o olhar para as luvas de Osric, agora que confirmara que ele não pertencia a nenhum dos Caminhos Luminosos. A questão era saber se a tentação do ouro — ou o peso de todas aquelas ameaças — seria suficiente para superar a sua aversão.

Osric esperava que sim. Ela parecia-lhe alguém com bom senso.

— Estás muito calma — comentou Osric.

— Fui treinada para manter a cabeça fria em situações de crise — respondeu Fairhrim —, embora, regra geral, os problemas com que lido sejam hemorragias, e não disparates.

Osric já suspeitava de que Fairhrim não gostava dele. Agora tinha a confirmação.

E, além disso, a sua paciência esgotara-se.

— Avancemos então para o rapto — disse. Levantou-se, atirou as cebolas ao chão e abriu o saco vazio na direção de Fairhrim. — Vá, lá para dentro.

A gargalhada trocista de Fairhrim foi interrompida pelo som da porta a abrir-se de rompante.

Um segundo fenómeno meteorológico entrou na sala sob a forma de uma pequena tempestade.

— Estou *farta* de dar graxa aos tipos de Investigação e Desenvolvimento — disse a tempestade.

Era uma Haelan idosa, negra, de cabelo branco, que fervilhava de raiva.

Fairhrim ergueu-se num salto. A sua altivez deu lugar a um servilismo nervoso. Osric sentiu-se picado: agora ela parecia mais assustada do que em qualquer outro momento da conversa.

Fairhrim fez uma vénia, com uma mão sobre o coração.

— Haelan Xanthe.

A visada entrou no gabinete como uma nuvem branca, envergando as vestes dos Haelan. Na mão fechada trazia uma carta amarrotada, que agitou na direção de Fairhrim.

— Mais uma rejeição daqueles idiotas do Conselho de Investigação e Desenvolvimento.

— Oh, não — disse Fairhrim.

— Oh, sim — retorquiu Xanthe. Pelo sotaque cerrado, Osric deduziu que era de Strathclyde. — Com as desculpas mais ridículas. Ao que parece, a nossa proposta não está alinhada com as prioridades que definiram para o programa de financiamento. Já ouviste tamanha parvoíce? Estamos literalmente no meio de um surto. Pediram-nos que voltássemos a submetê-la no próximo ciclo. Dá-me vontade de infetar o Woolwich com varíola. Talvez assim percebam do que se trata. Sempre se semearia um pouco de empatia entre aqueles canalhas. É pena que só afete crianças… — Xanthe calou-se, farejou o ar e perguntou: — Porque é que cheira a cebola?

Olhou em redor à procura da origem da pestilência e, de repente, reparou em Osric. Examinou lentamente a sua capa até chegar ao amontoado de bolbos aos seus pés.

— Quem é este? — perguntou. — O novo coveiro?

— Não — respondeu Osric. — Não sou o maldito coveiro. Está a interromper uma negociação, avozinha, por isso, se não se importa…

— Uma negociação? De quê? — Xanthe voltou-se para Fairhrim. — Este homem acabou de me chamar «avozinha»?

Fairhrim parecia, de certa forma, envergonhada.

— Lamento imenso. Não faço ideia de quem ele seja. Não sei como conseguiu entrar. Tentou subornar-me para que o curasse. E agora ameaça raptar-me com, francamente, uma ineptidão grotesca. Os Wardens tratarão dele.

— Pede-lhes que não o destruam demasiado — disse Xanthe, olhando para Osric como se fosse um pedaço de carne. — Dava-nos jeito mais um cadáver no laboratório de anatomia. Estamos a ficar sem homens adultos.

— Fá-lo-ei — disse Fairhrim. — Assim, ao menos, será útil para o mundo.

— *Desculpa*?! — exclamou Osric.

Fairhrim ignorou-o e voltou-se para Xanthe.

— Já deste a notícia à Élodie?

— Ainda não. Vai ficar arrasada. E não creio conseguir convencer o resto dos diretores a recorrer às nossas reservas para a ajudar. Não percebo nada disto: cinco rejeições consecutivas de agências em plena crise, e os monarcas dos Tīendoms de braços cruzados.

As duas Haelan continuaram a tagarelar e Osric… bem, Osric nunca se sentira tão insignificante na vida. A Sra. Parson podia tê-lo avisado de que os Haelan eram uns lunáticos que davam prioridade a assuntos administrativos em detrimento da sua própria morte iminente.

— Olá? Com licença? Ainda estou aqui — disse Osric, fazendo sinais a Fairhrim por trás de Xanthe. — O rapto continua em cima da mesa. E agora vou ter de matar também esta pobre velha por ter assistido a isto. Espero que estejas satisfeita.

— Matar-me? A *mim*? — perguntou Xanthe.

Depois atirou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada. Fairhrim olhou para Osric com uma sobrancelha erguida.

— É um bocado idiota, não é? — perguntou Xanthe.

— Foi essa a impressão com que fiquei depois da nossa pequena conversa — disse Fairhrim.

Osric, irritado, perguntou-se se deveria matar as duas pela falta de respeito.

As Haelan continuaram a conversar como se ele não estivesse ali.

— Por curiosidade, de quanto era o suborno? — perguntou Xanthe.

— Vinte milhões — disse Fairhrim. — Para apoiar a proposta da Élodie.

— Vinte milhões? Pelos tomates de Woden.

— A origem é desconhecida, claro — acrescentou Fairhrim. Uma das dragonas prateadas ergueu-se quando ela encolheu os ombros. — Ou se sequer existe.

— É tentador, tendo isto em conta — disse Xanthe, erguendo a carta de rejeição. As rugas do seu rosto transformaram-se numa expressão profundamente astuta.

— Ele não quer mostrar-me as mãos — apontou Fairhrim.

— Ah — disse Xanthe. — É demasiado lúcido para ser um Dreor, mas demasiado estúpido para ser um Fyren. Talvez um Agannor? Não. Já nos teria possuído a uma das duas.

— Seja como for, recusei — disse Fairhrim.

Xanthe enrolou a carta de rejeição num tubo e começou a dar pequenas pancadinhas nos lábios com ela.

— Mas se for *verdade* que tem o dinheiro…

— É um viajante do Caminho Sombrio — disse Fairhrim.

Xanthe fez um gesto desdenhoso com a mão, quase idêntico ao que Fairhrim usara antes com Osric.

Fairhrim pestanejou, incrédula.

— Haelan Xanthe, *decerto* não estará a pensar em…

A visada voltou-se para Osric, que estava encantado por finalmente voltar a existir.

— Tens os vinte milhões em ouro? — perguntou, pronunciando cada sílaba com especial cuidado, como se falasse com um idiota.

Osric deixou de lado a irritação perante aquela reviravolta de sorte.

— Sim.

— A sério? — perguntou Xanthe. — Porra. Devia mudar de Ordem.

Desatou a rir. Fairhrim, que aparentemente era incapaz de achar graça a seja o que for, fitou-a.

— Conseguirias depositá-los nos nossos cofres até sexta-feira? — perguntou Xanthe.

— Sim — repetiu Osric.

— Porque vieste ter especificamente com a Haelan Fairhrim?

— Disseram-me que é especialista no sistema seith.

— É — confirmou Xanthe.

— E que é um Prodígio.

— A melhor. — Xanthe aproximou-se de Osric. A velha Haelan era baixa, curvada e tinha um rosto absurdamente enrugado. Observou-o com algo semelhante a pena. — Então é a tua seith que te preocupa. Pobrezinho.

O adjetivo apanhou Osric de surpresa. Nunca ninguém se referira a ele dessa forma: ele não era nenhum pobrezinho.

— Compreendo o teu desespero — prosseguiu Xanthe. — A Aurienne é a especialista de que precisas.

— No entanto, *não* sou especialista em curar viajantes dos Caminhos Sombrios — interveio Fairhrim.

— Ele é um deles? — perguntou Xanthe. — Não podemos ter a certeza. Não lhe vimos as mãos.

— Porque se recusa a mostrá-las! — exclamou Fairhrim.

— Excelente — disse Xanthe. — Negação plausível.

Fairhrim pigarreou.

— Com todo o respeito…

— Desta forma, deixamos de ter de lamber o rabo às agências de financiamento — disse Xanthe.

— Mas…

A velha bateu levemente na testa de Fairhrim com a carta enrolada.

— Tive de abrir caminho por entre dezenas de crianças moribundas para chegar aqui, Aurienne. Não vamos agora fazer-nos de esquisitas quando nos oferecem vinte milhões em ouro.

— Curar alguém da espécie dele vai contra tudo aquilo que defendemos — argumentou Fairhrim.

— Concordo. Será uma situação difícil para ti.

— Difícil para *ela*? — interrompeu Osric. — E para mim? Sou eu que estou doente.

Xanthe voltou-se para Osric com um pouco da sua anterior atitude tempestuosa.

— Sim, para ela. Será ela a humilhar-se. Agora, se estás mesmo a falar a sério, falemos das condições. Depositarás vinte milhões de

thrymsas no cofre dos Haelan antes do final de sexta-feira, sob a forma de uma doação anónima ao Fundo da Varíola. Assim que os nossos contabilistas confirmarem que o ouro não é falso, a Aurienne tratar-te-á o melhor que puder.

— Haelan Xanthe, isto é *extremamente* irregular… — começou Fairhrim, mas Xanthe lançou-lhe um olhar e ela fechou a boca com um estalido.

— A minha única condição é que ninguém saiba — disse Osric.

Xanthe fez um gesto impaciente.

— Evidentemente. A nós também nos convém que este acordo desagradável decorra com a máxima discrição.

— Então temos acordo — disse Osric.

Fairhrim limitou-se a observá-los, num silêncio tenso.

— A Aurienne é mais do que capaz de cuidar de si própria — disse Xanthe. — Mas devo avisar-te: se lhe acontecer alguma coisa enquanto tenta curar-te, matar-te-ei com as minhas próprias mãos.

Osric quis rir-se das bravatas daquela velha. No entanto, enquanto Xanthe lhe sustinha o olhar, sentiu algo da sua seith. Foi como se uma mão pequena e seca lhe tivesse dado uma palmadinha amistosa na lápide.

Mas ele não tinha lápide, pelo menos, que soubesse.

— Entendido — disse Osric.

— Só és metade do estúpido que pareces. — Xanthe pegou na carta de rejeição, rasgou-a e espalhou os pedaços pelo chão, entre as cebolas. — Muito bem. Espero ter notícias, esta sexta-feira, de uma certa doação importante de origem desconhecida. Até lá, tenho algumas vidas para salvar. Deixo-vos a tratar dos pormenores. Comporta-te.

Osric não tinha a certeza a quem se destinava a última ordem; certamente não a ele. Nunca se portava bem.

Xanthe dirigiu-se para a porta. Fairhrim voltou a fazer a mesma vénia de antes, com a mão sobre o coração, enquanto ela saía.

Fez-se silêncio. Osric reajustou a capa. Fairhrim fitou-o com absoluto desdém.

— Ainda bem que isto ficou resolvido — disse ele.

— Rua — disse ela.

— Não fiques assim. Lembra-te de que o fazes pelos coitadinhos.

— Faço-o porque a Haelan Xanthe me deu uma ordem — disse Fairhrim.

— Enviar-te-ei o meu deofol com as instruções para a primeira sessão.

— Eu é que sou a Haelan. Sou eu quem enviará as instruções.

— Tens alguma sugestão de ponto de encontro neutro? — perguntou Osric. — Não quero voltar aqui. Ludibriar os Wardens é extremamente aborrecido.

— Neste momento, não — disse Fairhrim. — Isto é tudo novidade para mim.

— Bem, eu sim. Aguarda o meu deofol. Oh, o que me lembra que tens de te vincular comigo.

— Perdão? — disse Fairhrim.

Era um pedido bastante ousado: vincular os seus tācn. Era algo reservado a amigos e familiares, para que os seus deofoles — espíritos familiares de seith — pudessem viajar de um tācn para outro e entregar mensagens. Fairhrim ficou a olhar para Osric como se ele lhe tivesse acabado de sugerir cometer a mais repugnante das perversões.

— Podemos cortar o vínculo assim que me tiveres curado — disse ele.

Fairhrim lançou-lhe um olhar ainda mais penetrante e, por fim, disse:

— Está bem.

O vínculo exigia contacto tācn a tācn, pelo que Osric tirou a luva. A mandíbula de Fairhrim contraiu-se ao confirmar as suas suspeitas: ele tinha revelado a mão esquerda. Só aqueles que percorriam os Caminhos Sombrios tinham o tācn nessa palma.

Osric ergueu a mão, mostrando o crânio do cão de três cabeças que a adornava: o tācn da Ordem Fyren. Normalmente, a visão daquele tācn inspirava terror. Era o presságio de uma morte violenta e imediata.

Ofendeu Osric que Fairhrim reagisse com repulsa e não com medo, como se, em vez da palma aberta, ele lhe tivesse estendido uma fralda usada e pedido que lhe tocasse.

— És um mercenário cobarde que caminha nas sombras — disse Fairhrim.

— Sou.

— És vil.

Ainda assim, estendeu a mão direita para Osric e os seus tācn tocaram-se. A asa do cisne da Ordem Haelan roçou a presa do cão infernal da Ordem Fyren. Verteram a sua seith no contacto e gravaram a assinatura um do outro. A seith de Fairhrim era fria, contida, quase cristalina. O deofol de Osric podia agora encontrá-la diretamente para lhe levar mensagens; o deofol dela também poderia encontrá-lo a ele. (Osric perguntou-se que forma teria o seu deofol. Algo pontiagudo, apostou. Um escorpião, provavelmente.)

Separaram as palmas. Fairhrim sacudiu a mão, como se tivesse acabado de tocar em algo sujo.

Bateram à porta.

— Haelan Fairhrim?

Osric deslizou para trás da porta e fez um gesto a Fairhrim para que abrisse, enquanto lhe murmurava que não cometesse nenhuma estupidez.

Fairhrim abriu a porta. Pela fresta das dobradiças, Osric viu um homem de aspeto cadavérico, vestido de preto. Exalava um forte cheiro a formol.

O homem apertou a mão a Fairhrim e disse:

— Olá. Sou o novo coveiro. Vim buscar as cebolas.

Ao regressar à mansão familiar de Rosefell Hall, Osric foi interpelado pela Sra. Parson.

— Então, senhor? — perguntou. — Alguma novidade?

— Sim, e penso que boa — disse Osric. — Houve um ou outro percalço, mas suponho que fosse de esperar. Ela vai fazê-lo.

— Bendita seja.

— Não. De bendita não tem nada. É singularmente desagradável; não gosto dela nem um bocadinho. Além disso, temos um problema.

— Oh?

— Temos de depositar esses vinte milhões em ouro até ao fim da semana.

— Isso não será problema nenhum — disse a Sra. Parson. — Acabámos de receber de Beckenham um lote de thrymsas falsas tão bem feitas que é um regalo.

— Não podem ser falsas — disse Osric. — Teremos de largar dinheiro verdadeiro. Os Haelan já estão desconfiados. Não posso arriscar atrasos nem que recuem no acordo.

A Sra. Parson ficou de boca aberta.

— Mas… o senhor não tem vinte milhões em ouro.

— Eu sei. Teremos de vender o tríptico e *A Leiteira*. E também o *De Beauveau*. Custa-me desfazer-me deles, mas não há alternativa. Fale com o Sacramore. Suponho que ainda não possamos vender *Os Devoradores*…

— É demasiado recente. Comprou-o há apenas dois meses.

— Pois. Então também não podemos andar a exibi-lo pelas tabernas, evidentemente. Venda tudo o que for possível para chegarmos aos vinte milhões. Temos de os depositar como uma doação anónima à Ordem Haelan, destinada ao Fundo da Varíola. Posso confiar-lhe os preparativos?

A Sra. Parson assentiu, ainda de olhos muito abertos.

— Vinte milhões. É… é uma parte considerável da sua fortuna.

— Roubá-la-emos de volta mais tarde, obviamente.

A Sra. Parson pareceu aliviada.

— Ah! Excelente, senhor.